

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA ESCOLA E A HOMOFOBIA: desafios e perspectivas docentes.

Moisés Santos de Menezes; Marco José de Oliveira Duarte; Roberta Brito Lima

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RIO, moisesmenezesmm@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; majodu@gmail.com; Universidade Federal de Sergipe – UFS, roberta_ccv@hitnail.com

Resumo

A escola é um ambiente repleto de mistificações, pluralidades e especificidades. Cada sujeito traz consigo particularidades e singulares múltiplas que tornam presentes e vivas uma constante diversidade. Em se tratando de gênero e sexualidade essa diversidade, quando não entendida e reconhecida como legítima e necessária, se transforma em um desafio para todos os sujeitos que constituem tal instituição. Ausências e/ou carências de debates sobre o assunto, o preconceito sutil e manifesto presente em diversos discursos e ações, a (des)proteção estatal frente à violência homofóbica são alguns fenômenos que financiam e sustentam cada vez mais a presença da homofobia contra a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais -LGBT no ambiente escolar. Deste modo, o presente trabalho visa analisar a percepção dos professores do ensino fundamental de uma escola pública estadual localizada na cidade de Aracaju/SE, sobre o combate a homofobia no cotidiano escolar. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória através da visão de autores como Borrilo (2010), Louro (1997, 2000, 2004), dentre outros. Realizou-se, também, uma pesquisa de campo com aplicação de entrevistas semiestruturadas a dez professores com graduações diversas. Com isso percebeu-se que a homofobia é um fenômeno bastante presente no contexto escolar de forma manifesta ou sutil, apresentando-se em contextos diversos e atinge desde o projeto político pedagógico escolar aos posicionamentos sobre esse assunto sinalizados em salas de aula. Desta forma o combate à homofobia deve ser trabalhado como uma expressão da questão social demandando de todos o a urgência e esforços em combatê-la.

Palavras-chave: Escola, Homofobia, LGBT.

INTRODUÇÃO:

A escola, como uma instituição que possui grande relevância social, tem um papel bastante importante no processo de combate às diversas formas de preconceitos e discriminações contra a diversidade sexual e de gênero, principalmente no que tange à população LGBT. O contexto escolar tem demonstrado profunda escassez de conhecimento dos docentes em relação às questões ao reconhecimento e ao respeito da diversidade. Temáticas que dizem se relacionam à sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero e homofobia são normalmente pouco debatidas em sala de aula. Sua omissão ou carência de aprofundamento no ambiente escolar contribui para o enaltecimento das diversas práticas homofóbicas (agressões verbais ou físicas, exclusões, ameaças, entre outras), as quais são perpetradas contra jovens que destoam do padrão heteronormativo.

O preconceito e a discriminação relacionados às formas de sexualidade que diferem dos padrões heterossexuais são denominados na literatura de formas específicas, conforme as particularidades dos sujeitos-vítima de tais situações. Nesta pesquisa adota-se o conceito de homofobia de forma abrangente, englobando os preconceitos e discriminações perpetrados contra todos os sujeitos que vivenciam sua sexualidade rompendo as normas heterossexuais. Isto é, o conceito de homofobia analisado neste estudo diz respeito a todas as violências movidas pelos preconceitos e discriminações praticados às formas e expressões das sexualidades que diferem do padrão heteronormativo (BORRILLO, 2010).

O objetivo desse trabalho é analisar a percepção dos professores de uma escola pública estadual localizada na cidade de Aracaju – SE, sobre o combate à homofobia no cotidiano escolar. Para isso, foi realizada pesquisa de campo através de entrevista semiestruturada dirigida a dez professores com graduações diversas. Estabeleceu-se esta amostra com a finalidade de analisar as principais demandas dos/as docentes e discentes sobre as questões que envolvem a diversidade sexual e de gênero no contexto escolar. Os docentes entrevistados são formados nas áreas da Pedagogia, Letras e Letras-Português-Espanhol, Letras- Inglês, Educação Física e História, com 02 (dois) a 26 (vinte e seis) anos de experiência em educação. Cabe informar que os nomes utilizados são todos fictícios, para assegurar o sigilo acerca da identidade dos participantes.

MÉTODO:

Essa pesquisa qualitativa foi realizada em uma escola pública da cidade de Aracaju (Sergipe). A escolha do lócus deve-se à escassez de estudos acerca dessa temática no estado de Sergipe. Os/as participantes da pesquisa compreendem dez professores/as do ensino fundamental maior (6º ao 9º ano), das disciplinas de Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Inglês e Educação Física. Essa escolha justifica-se por corresponderem às disciplinas obrigatórias e que devem abordar os temas transversais de modo interdisciplinar, inclusive a questão da sexualidade e da diversidade sexual e de gênero. Nessa direção, cabe expor os principais dados sociodemográficos dos/as docentes participantes no quadro abaixo.

Nome (fictício)	Idade	Área de Formação	Especialização	Experiência docente
Paulo	37	Pedagogia	Não possui	12 anos
Marta	24	Letras	Não possui	02
Regina	39	Pedagogia	Não possui	15

Patrícia	26	Letras	Não possui	04
Luciana	45	Letras/Espanhol	Não possui	25
Isabela	41	Pedagogia	Não possui	18
Letícia	50	Pedagogia	Não possui	26
Cátia	21	Letras/Inglês	Não possui	02
Deise	35	Educação Física	Especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior	10
Ricardo	37	História	Especialização em Gestão de Políticas Públicas Em Gênero e Raça, Especialização em Ensino de História.	08

Vale ressaltar que os/as participantes da pesquisa lecionam em uma escola pública estadual localizada na cidade de Aracaju - SE. A escola conta com aproximadamente 800 alunos/as matriculados/as e um quadro de 35 funcionários, entre professores/as, equipe diretiva e pessoal de apoio. Nessa escola funciona a modalidade de Ensino Fundamental Menor (3º ao 5º ano) e Maior (6º ao 9º ano), e existem na instituição sete docentes licenciados/as nas disciplinas de ensino obrigatórias.

A escola costuma realizar semanas especiais com palestras acerca de temas de interesse dos/as adolescentes. Contudo, ainda não focaliza a questão da diversidade sexual, entre outros motivos, devido à falta desses temas durante a formação inicial e continuada dos/as docentes, o que contribui para representações ancoradas em crenças preestabelecidas. Para coleta de informações foi elaborado um instrumento constituído por um questionário para auxiliar na entrevista semiestruturada desenvolvido com base na bibliografia estudada (Borrilo, 2010; Louro, 1997, 2000, 2004).

RESULTADOS/DISCUSSÃO:

Nas entrevistas semiestruturadas a primeira questão tratou da formação acadêmica e profissional dos docentes, questionando se os mesmos, durante sua formação, tiveram acesso a disciplinas ou cursos que abordavam temáticas como a homossexualidade, a homofobia, e direitos da população LGBT. Dentre os respondentes, 07 (sete) alegaram que não tiveram acesso a nenhuma disciplina ou cursos de formação ou extensão que abordavam estes temas, enquanto 03 (três) deles responderam que tiveram acesso a tais conteúdos, porém sem o aprofundamento necessário, com poucas propostas de discussões e através de experiências vivenciadas e relatadas por colegas.

Ao questionamento acerca da importância de tal assunto durante sua formação, os educadores responderam positivamente, alegando que todos têm direitos iguais e que a discussão destes temas é, em qualquer esfera da sociedade, inevitável. Algumas respostas pontuaram que o debate sobre a homossexualidade levaria os demais sujeitos sociais a respeitarem a orientação da sexualidade dos homossexuais. A ausência de discussão de temas que dizem respeito à diversidade sexual na formação docente é uma considerável carência, precisa ser solucionada, pois as expressões da diversidade sexual na formação docente se fazem presentes em todos os ambientes sociais, inclusive na escola. A negação de temáticas como essas, que invisibilizam as formas de orientação sexual e/ou identidade de gênero, configura-se como uma forma de homofobia velada, sutil, cuja necessidade de se debaterem questões como estas demonstram-se insignificante, como expressa Borrilo (2010).

Quando questionados se a homossexualidade era uma opção, orientação, condição ou identidade afetivo-sexual, 07 (sete) docentes responderam que seria uma identidade afetivossexual, alegando, ainda, que cada um é livre para realizar suas “escolhas” e que cada ser humano é, desde pequeno, construído com sua identidade pessoal. Um docente respondeu que seria uma condição, por conta da naturalidade com que as coisas acontecem e dois (02) não quiseram se posicionar em relação à questão, afirmando não ter conhecimentos precisos para escolher quaisquer das opções colocadas. É importante ressaltar que 01 (uma) educadora alegou que a homossexualidade era uma doença e um desvio de conduta, enquadrando tal postura em princípios religiosos e doutrinários aprendidos no decorrer de sua vida.

Observa-se que afirmar a homossexualidade como uma identidade sexual advinda da escolha do próprio sujeito é o mesmo que se admitir que este fenômeno seja uma opção. O significado de identidade vai bem além das concepções de opção, orientação e condição; é um termo adotado por naturalizar a homossexualidade tão quanto à heterossexualidade, não havendo necessidade de questionar o surgimento ou “vivência” de tal fenômeno. O termo “identidade sexual” busca tornar tão legítima e natural a homossexualidade quanto a heterossexualidade tal qual é vista socialmente (LOURO 2004). Desta forma, observa-se que a concepção da homossexualidade como identidade sexual, para os docentes, não é sólida. O conceito sobre a homossexualidade ainda se encontra ligado ao senso comum e a conhecimentos estereotipados.

Sobre os direitos conquistados pela população LGBT, como adoção de casais homoafetivos, união estável, utilização do nome social de travestis e transexuais, dentre outros, questionou-se aos docentes se os mesmos concordavam com tais conquistas e por quê. Dentre os respondentes, 02

(dois) disseram que não concordam com as conquistas de tais direitos, fundamentados em princípios religiosos. Os demais concordaram, porém alguns condicionaram esta aceitação às transformações sociais e evolução do pensamento social, enquanto outros reafirmaram que todos possuem o direito e a liberdade de escolher sua sexualidade, não devendo este fato ser empecilho para a conquista de tais direitos.

Não. Por não existir uma base familiar aceitável para toda a sociedade (Cátia).

Não concordo porque descaracteriza a estrutura familiar criada por Deus, mas entendo que existem crianças que são abandonadas por seus pais e que podem ser acolhidas, amadas e educadas por casais homossexuais (Deise).

A aceitação dos direitos da população LGBT, conforme analisamos nas falas dos respondentes, não se apresenta tão naturalmente quanto a aceitação dos direitos dos heterossexuais. Condicionar uma postura de aceitação voltada para as condições mutáveis da sociedade em relação a tais direitos é submetê-los às concepções e formas de pensamento da sociedade. Os direitos que equivalem à população LGBT devem estar assegurados tanto quanto os que equivalem às identidades afetivossexuais dos heterossexuais. No ambiente escolar, estes direitos precisam ser vistos como naturais e necessários, pois negar, por exemplo, que um estudante ou docente utilize seu nome social neste espaço, é o mesmo que violar um direito importante e fundamental de tal sujeito.

Em relação a situações da prática profissional dos educadores, questionou-se o que eles fazem quando um estudante LGBT os procuram para informar que foi vítima de violência homofóbica. Todos os respondentes alegaram que ouvem o estudante, e procuram orientá-lo de maneira aberta e consciente. Dois dos entrevistados responderam que, além desta prática, buscam analisar a veracidade dos fatos ocorridos, enquanto 01 (uma) alegou que faz o estudante repensar sobre sua conduta homossexual, buscando induzi-lo a mudar seu comportamento para evitar novas agressões. Através destes dados, é possível perceber que, embora todos os docentes tenham respondido que procuram orientar a vítima da violência de maneira aberta e consciente, este tipo de orientação se torna algo digno de questionamentos, uma vez que os mesmos responderam anteriormente que não possuem informações necessárias e precisas para trabalhar com o público LGBT, sentindo-se despreparados para responder tais demandas.

Sobre a importância dos pais e das mães estabelecerem um diálogo com seus filhos sobre a homossexualidade, questionou-se qual o papel da escola neste contexto. As respostas dos docentes

enfatazaram a importância da escola, articulando o tripé escola, família e estudante no processo de luta contra o preconceito e a discriminação em relação à diversidade sexual.

Penso que a escola tem como papel de mediar diálogos entre a família e os alunos (Marta).

Acredito ser importantíssimo esse diálogo, mesmo sabendo o quanto seria difícil. Acho viável uma preparação emocional antes por ambas as partes. E a escola ser acolhedora, orientar até onde for possível sem pressionar ou invadir a privacidade de ninguém. Ser um espaço aberto, com pessoas preparadas para lidar com diversas situações possíveis de acontecerem. Criar um ambiente seguro de valores conservados, oferecer palestras sobre o assunto como tantos outros que trabalhe o respeito, valores e os preconceitos em qualquer esfera (Patrícia).

Os (as) respondentes reconhecem os inúmeros desafios que precisam ser traçados no processo educacional e familiar em relação ao preconceito e discriminação da população LGBT, utilizando como estratégias de enfrentamento, nesta luta, o diálogo como arma importante e necessária para remover tabus e estereótipos negativos; o apoio familiar; e a realização de palestras e eventos de sensibilização sobre tais temáticas. Todos estes passos são importantes, mas não podem ser considerados únicos e dissociados de outros a exemplo da formação dos docentes com temas que abordem o enfrentamento ao preconceito e à discriminação contra LGBT, promovendo, neste debate, a inserção dos discentes, da escola, da família e da comunidade, bem como estimulando a prática constante de posturas que favoreçam a igualdade social e identitária dos sujeitos.

Sobre a realização de debates e discussões dos (as) docentes acerca da diversidade sexual e de gênero em sala de aula, entre os (as) educadores (as) entrevistados (as), 05 (cinco) responderam que abordam a temáticas como a homossexualidade, homofobia e outras com seus discentes, porém, de forma parcial e pontual, utilizando palavras como respeito e naturalidade. Destes 05, uma docente informou que fala sobre a diferença entre homem e mulher, mas não conversa sobre a homossexualidade, por entender que este debate não é aceitável, configurando-se como imposto socialmente.

Costumo falar sobre sexualidade, mostro as diferenças entre homem e mulher, mas, não abordo a homossexualidade. Às vezes o assunto sai de forma natural. Entretanto, é possível que eu comece a abordar o tema, mas não da forma que querem nos impor (Deise).

Os demais respondentes mencionaram que não realizam nenhum tipo de abordagem em relação a assuntos referentes à diversidade sexual com seus discentes (crianças e adolescentes entre

04 e 19 anos), alegando que eles não se encontram abertos e preparados para absorver essas informações. Uma docente alegou que este assunto pode afetar a integridade de algum aluno ou aluna e sua “opção sexual”, configurando-se como constrangedor e inoportuno.

Em suma, é importante ressaltar que a instituição escola ainda se encontra muito longe do ideal de igualdade afetiva-sexual que debatemos, longe de todas as formas de preconceito e discriminação contra as expressões de sexualidade que diferem dos padrões heterossexuais. O desafio é árduo e gigantesco, mas é necessário a sociedade se manter firme e ativa neste processo de reconstrução de conceitos e princípios. O papel da escola vai além do processo de ensino e aprendizado, perpetrando a vida dos sujeitos e reorganizando seus pensamentos, conceitos e ideias na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Desta forma, questiona-se quais tendências levaram estes sujeitos a mediar tais conflitos. A ausência de formação e preparo necessário para entender a homossexualidade como um fenômeno tão natural quanto à heterossexualidade, com certeza, deve ser um desafio significativo no processo interventivo destes docentes nas ações de violência homofóbicas que lhes são apresentadas cotidianamente.

Analisando a ausência de formação necessária dos respondentes em relação às expressões da diversidade sexual e de gênero no ambiente escolar, questionou-se se tais educadores se sentem preparados para trabalhar com o público LGBT. Oito educadores responderam positivamente, mesmo reconhecendo suas limitações e dificuldades, dada a ausência de conhecimento e experiência, necessitando buscar auxílio e capacitação, enquanto 02 (dois) responderam negativamente.

Sobre o enfrentamento da homofobia no contexto escolar, esse processo deve ser feito em conjunto com os sujeitos do ambiente educacional (corpo discente, docente e servidores em geral, com a participação das famílias e do Estado), nesse processo a escola possui um papel importante conforme Tessariolli (2013), esse tipo de violência sem dúvida está assentada nas crenças, atitudes e valores transmitidos ao longo das gerações pelos núcleos familiares, sendo esse contexto um marco importante para a construção do preconceito e da discriminação contra a diversidade sexual e/ou de gênero. Sem dúvidas as influências socioculturais internalizadas são determinantes importantes no decorrer do desenvolvimento de todas as pessoas. Em relação a sexualidade humana uma vez que as únicas influências apreendidas e automaticamente aceitas socialmente são a padronização das relações heterossexuais, as demais identidades afetivas e sexuais são desnaturalizadas e conseqüentemente desumanizadas. A escola nesse contexto possui um importante papel em romper

esse ciclo sendo convidada muitas das vezes para dar continuidade a educação sexual inicializada pela família, uma vez que enquanto educação formal, retroalimenta os processos de aprendizagem da educação informal, cujo processo de aprendizagem não ocorre de forma fragmentada, transcendendo os muros da própria escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É possível verificar que os respondentes das entrevistas possuem diversas dificuldades no trabalho com as expressões da diversidade sexual na escola, principalmente no que tange à população LGBT. A ausência de informações básicas no processo de formação acadêmica e profissional, os conceitos, os estereótipos negativos, a influência dos princípios religiosos, culturais e tradicionalistas, bem como a carência de debates e convivência com o público LGBT, entre outras questões, acarretam diversas consequências para os docentes da Escola pública estadual pesquisada. Entretanto, pode-se salientar que tal realidade não acontece apenas nessa instituição, visto que é possível identifica-la em outras comunidades, o que reforça a necessidade e a importância de uma intervenção sistemática e eficaz neste processo de enfrentamento à homofobia e às formas de preconceito e discriminação com a diversidade sexual.

Todo este cenário leva o corpo docente da instituição aqui em pauta a demonstrar preconceitos de forma sutil, cujos comportamentos são manifestados contra a população LGBT, demandando ações de intervenções capazes de sensibilizar tais sujeitos no processo de desconstrução de conceitos e comportamentos e construção de novos, capazes de transformá-los em multiplicadores das ações de luta e enfrentamento ao preconceito e à discriminação homofóbica, no ambiente escolar e na sociedade em geral. Com vistas à construção de um ambiente escolar capaz de acolher, formar, educar e capacitar seus sujeitos como cidadãos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, é preciso entender que aquilo apresentado como diferente, a partir de um viés formal e estrutural (pois, a diferença só aparece quando se compara o que se analisa como diferente de algo que se tem como modelo correto a ser seguido), não se configura como barreira, mas como riqueza, que deve ser valorizada e bem vinda, sempre. Avalia-se que a escola também deve ser uma promissora de luta e enfrentamentos, na busca pela igualdade e dignidade de todos, e que a homofobia é um fenômeno que se encontra fortemente presente nesta instituição, necessitando ser enfrentada por todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. (pp.07-34). In: LOURO, G. L. (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Um Corpo Estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TESSARIOLI, G. M. Todos a favor da educação sexual. In H. C. F. Ribeiro, et al. *As minhas, as suas, as nossas sexualidades*. São Paulo: CEPCoS, 2013.